

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa--16 de Fevereiro-1928

**5 TOSTÕES**

**2.º ANO**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

**91**



Semana  
**fixe** semanário humorístico

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

**Caracças que o "Sempre Fixe" oferece**



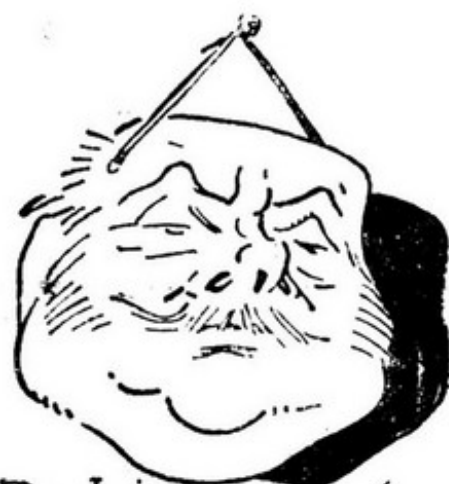
A de Eduardo Schwalbach a Pereira da Rosa.



A de Pereira da Rosa a Eduardo Schwalbach.



A de Magalhães Lima a Fernando de Sousa.



Do Juiz Veiga á Dona Censura do Carma.



DE Eugenio de Castro ao poeta Sevilha



De Jorge Colaço ao Commissario da Exposição de Sevilha.



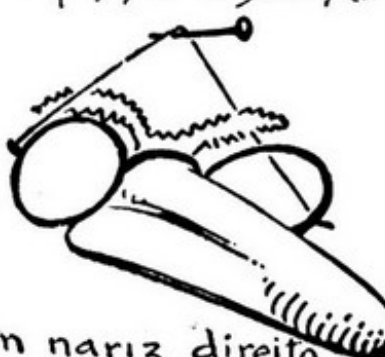
De José de Figueiredo a D. João de Pita de Freire de Tal e de Etc.



Do Matematico Cabreira ao Pinheiro Maluco.



Do grande Petrarca ao poeta Mario de Campos.



Um nariz direito ao Dr. Teixeira Torto



A de Bernardino Machado é para... um alto personalgam. Provavelmente, não a perd:



Esta não a oferecemos a ninguem porque não a podemos tirar do prego.

A. Valença





## Os ditos da semana



### Carnaval e cocotes

Ah! O Carnaval, o Carnaval! O que a gente se diverte! O «Borda d'Agua» marca o dia da alegria e não ha tristeza que se não dissipe.

Pode uma pessoa estar triste, raladinha de desgostos, mas assim que o «Borda d'Agua» dá as suas ordens—diverte-te que é dia de Carnaval e estás contente—é como se uma alma nova nos entrasse pela boca dentro, e a gente diverte-se, até deitar a alma pela boca fóra.

O Carnaval anda velho e derrancado. Nem ele proprio se conhece. Se alguém lhe pergunta—quem és tu? qual é a tua graça? responde muito sensaborão:

—Eu cá não sei qual é a minha graça. Toda a gente diz que eu não tenho graça nenhuma...

Apesar de tudo, ainda tem as suas virtudes: ajuda muita gente a viver, As cocotes vendem-se nas lojas, nos clubs e vendem-se nas ruas. Vendem-se até nas casas de familia e em toda a parte, quer em forma de saquinhos de papel cheios de areia, quer em for-

ma de senhoras finas, com casacos de pele. Num caso ou noutro, tem quasi a mesma serventia—servem só uma vez. A's vezes ainda ha quem lhes pegue, quem as levante do chão, mas as cocotes, umas ou outras, por força do destino, acabam sempre na valeta, cobertas de lama. E' o que acontece a quem tem areia. Cabeça de areia não tem juizo e tem de acabar mal. E quem se serve dela, diverte-se, atira-a a rir, usa-a a rir, num desvairamento, e nunca mais pensa no saquinho de areia, ou na cabecinha com areia, que lhe deu um momento de prazer.

Para as mulheres, o Car-

naval é um maná. As que são serias gosam a volupia da passageira ilusão de parecer que o não são. Um dominó dá o direito a estouvamentos de que nenhuma senhora decente seria capaz com a cara descoberta. As que o não são, com um dominó por cima, fazem mais facilmente dominó para dois lados, porque, como o leitor não ignora, ha senhoras *capicuas*—as que enganam o marido com o amante e enganam o amante com o marido... das outras.

E chega a havel-as tão completas, tão cocotes, carnavalescamente falando, que são capazes de enganar nm regimento inteiro, a correr, a

desenrolar-se dum para se enrolar com outro, como uma serpentina.

E a gente ri-se porque a folhinha ordena que se ria, dando o espectáculo grotesco de nos estarmos a rir de nós mesmos, porque todos nós estamos sendo enganados pelas nossas amantes, á sombra do dominó, debaixo da areia das cocotes e da chuva de papelinhos.

E tu, burguez pançudo, fica sabendo:

—A tua amante engana-te. Duvidas? Engana-te, sim, engana-te comigo, mas consolante, amigo e camarada, que também a mim ela me engana com o meu criado.

Cocotes, tudo cocotes!

—Ainda tens vontade de rir? Tu tens mas é vontade de chorar. Olha, deita fóra o lança perfumes, agarra na seringa que podias encher de lagrimas, enche-a de agua choca, e horrifa-me este mundo todo. Conheces o escravelho? Sabes em que ele se ocupa?

Pois olha, este mundo é uma bola de merda e nós somos o escravelho que o faz rolar.

### As nossas mascaras



Ruy Ulrich dá, do bom grado, a partida a todos os comboios em que embarca o eterno accionista José Parreira!



—Que te disse aquele parvalhão?  
—Que a mamã ainda vale mais do que eu.  
—E' para que vejas, ainda ha rapazes pue não são estupidos...

### As nossas mascaras



Matos Sequeira rival do Apolo do Belvédere, em beleza plastica e fisica; vai muito bem de Apolo do sete e meio.



# CANÇÃO NACIONAL FADO DO CARNAVAL

## Mote

Já não ha dansa da Bica  
nem a velha alcoviteira,  
do Entrudo nada fica,  
hoje é tudo pepineta...

## Glosas

Do Entrudo antigamente  
existe ainda a saudade,  
onde a esturdia e a mocidade  
vivia os dias contente.

Hoje tudo é tão dif'rente  
dessa fase outr'ora rica,  
em que a luva de pelica  
caía em cima dum côco...

Hoje o Carnaval é ôco,  
Já não ha dansa da Bica,

Do batalhão da vassoura  
que havia em Campo d'Oarique,  
sorá bom que eu vos explique  
a sua acção geradora.

Na Rev'lução vencedora,  
p'la verde-rubra bandeira,  
teve certa alma guerreira.  
Hoje então é o que se vê...  
nem já existe o chéché  
nem a velha alcoviteira...

Foi-se dos pés o costume,  
já não ha dansa da luta,  
da bisnaga, por permuta,  
nasceu o lança-perfume.  
Quem na cachola ainda arrumo  
os tempos do pó de mica  
tão brilhante e o estica, estica,  
do cordel posto no chão,  
vê bem que eu tenho razão:  
do Entrudo nada fica...

Nesse Entrudo onde os Reis  
o protocolo quebravam,  
e até ovos atiravam,  
do serio quebrando as leis.  
Eu bem sei que não quereis  
vêr mais esta brincadeira,  
mas sim á antiga maneira  
do Zé Povinho inocente  
quando, apesar de indecente,  
hoje tudo é pepineta...

José Barbosa.

## DESENHOS ANIMADOS



Conto sem palavras.

# Um "bal masqué," na rua do Olival

O Carnaval bateu á porta das «Soi-sas» com ar de quem vem cumprir uma obrigação, com ar de que tem a certeza do que é um ar que lho dá mais dia menos dia. O Carnaval bateu-lhes á porta do mansinho e a maná «Soisa», a mais velha, que é tia de profissão e tem pelo menos quarenta e cinco entrudos em cima do respeitabilissimo lombo, logo o recebeu, alegre e jovial, na casa das arumações.

Vieram as outras manas, as priminhas e até o Lúlu da casa apareceu porque quer agora mascarar-se de cão a sério. E' que o «Joli» está farto até á raiz dos pêlos daquele emprego do cão a brincar... Despejaram-se as gavetas, romexeu-se o balú dos trapos velhos, deitaram-se abaixo as prateleiras, mas lá se arranjou uma soda antiga de raminhos que em tempos fizera furor no corpo da avó e algumas rendas remotas duma noivado longiquo. E isto é mais do que o bastante para armar um fato de mascara que será o assunto de todas as conversas no «bal-masqué» que a Lólo oferece ás amigas domingo gordo, na sua esplendida parte de casa com serventia de cosinha, na rua do Olival, 125, quarto...

A «Soisa» vai ficar deliciosa com a sua mascara: uma «juventude» em bom estado de conservação, linda fantasia para senhora em solim, como diria o Grandela...

Naquella casa é tudo um alvoroço! A mana mais nova desmaia se não vai á festa, a do meio passa o dia a fazer papelinhos e a mais velha, enquanto concerta a «juventude», um pouco abalada do tempo e da traça, descompõe o mano, que só gosta do cocotese...

Já se convidou a Palmirinha, que mora por cima, só para fazer inveja á Isaura, que mora em baixo, e a

mamá «Soisa», meia tonta na perspectiva de tamanha pandega, encomendou para o grande dia seis *pepos-sêcos* para dansarem com as filhas e mais dez em *sandwiches*, porque não lhe esqueceu ainda que ha dois anos passou o dia inteirinho sem comer por causa da ceia da Lólo, para rapar uma fome lovada de seiscentos diabos... Nom que ela viva cem anos!!

O pão era do segunda qualidade e de segunda-feira; os bolos eram da tenda defronte e cheiravam a ranço de marçano, e até o vinho era tão pouco e tão azedo que um copo foi motivo de zaragata entre os convivas. O certo é que se azedou a questão e da ceia só lhe coubo uma valente pisadela num calo que a fez vêr as estrelas ali mesmo na casa de jantar, com cento e cinquenta pessoas em cima do vinho e dos pés... Ah! mas este ano vão divertir-se á bruta!... As manas mais novas, bons ou traus, também já teem *costumes* e o pai, no seu papel de honrado chefe de familia, mandou tirar as nodos do frasco e muniu-se duns oculos de mica contra o eter, porque nunca gostou de brincadeiras com alcaolides...

O domingo gordo vai ser um dia em cheio para as simpaticas manas, que ha oito dias andam atarefadissimas em comunicar ás pessoas das suas relações que chegou o Carnaval, mandando-as muito delicadamente beber daquilo que a gente aconselha a comer com herbas... Isto, é claro, enquanto ellas a não comerem na ceia que a Lólo vai oferecer domingo gordo na rua do Olival...

Na quarta-feira de Cinzas, as «Soi-sas» estragaram três pares de sapatos, agravaram seis calos, arranjaram vinte e quatro paixões, mas gosaram como gente grande...

## Sete e Meio



Sobre o cadaver do rei Carnaval, reina a alegria das cocotes de areia e das cocotes de carne e osso

## Ao teletone

—Estás lá? E's tu, Alberto?  
—...  
—Ai filho, que saudades!...  
—...  
—Tambem tu? Eu já sabia. E's um amor.  
—...  
—Mata-los? Pois sim!  
—...  
—Sim. Podemos ir...  
—...  
—Sósinhos?  
—...  
—Muitos? Sim, eu quero muitos.  
—...  
—Sim, e muito bem dados...  
—...  
—O quê?  
—...  
—Aonde?  
—...  
—Ah! porcaalhão.

## A caneta permanente FOR LIFE É A MELHOR

A caneta permanente é a FOR LIFE, preferida porque em português corrente FOR LIFE é — Fazer p'la vida.

A FOR LIFE não tem par p'ra se dar como lembrança, porque a pode manejar quer um velho ou uma criança.

Se a um poeta falta o estro que lindos versos fará... Não estando em *bossa* um maestro, compre a FOR LIFE e ve á...

A FOR LIFE, quem a usar, tem tão grandes predicados que quem se fór confessar a um padre não tem pecados.

Desde a mais simples palavra ao trecho maior e raro, a FOR LIFE o papel lavra sem gastar o seu aparato.

A FOR LIFE é uma fada que dá sorte a quem a traga.

Vão á rua do Almada que as vende o Emilio Braga.

Papelaria, Tipografia, Encadernação  
Artigos de pintura e d'arte aplicada  
**EMILIO BRAGA, L.<sup>da</sup>**  
59 — Rua Nova do Almada — 61  
LISBOA



— A este dá-lhe uma purga; tem a lingua muito suja.



# Elevador da Gloria

Cecilia de Almeida que, como todas as mulheres decididas, mora na rua Mar'a da Fonte, queixou-se á policia de que o seu namorado a ameaça, por escrito, acabar-lhe com os dias e suicidar-se em seguida. Entre uma Cecilia e um Bernardino não é bom meter a colher, tanto mais que os animos andam exaltados.

E é pena, Ceciliasinha, não te zangues! O amor do teu Bernardino e do qualquer outro Bernardino por quem o venhas a substituir, é sempre assim: violento, refilão e enciumado. São os que pegam melhor: de estaca. Se não morasses na rua Maria da Fonte, uma mulher de armas, terias acedido — não dizemos cedido — aos rogos do Bernardino.

O que quer ele afinal? Dar o nó, um nó matrimonial. Por isso aquele peito anda revoltado, qual vulcão expellindo tenebrosas fumaradas de escrita, sem perigo de maior. Escusas, pois, de chamar os bombeiros, perdão, a policia.

Depois, não sei porquê, tenho um certo filé pelo Bernardino. Deve ter razão. Fizeste-lhe alguma partida? Decerto que sim..

Naturalmente, depois de lhe prometeres o ministerio do lar, fugiste á união sagrada do casamento. São coisas que não se fazem sem efusão de sangue. O Bernardino quere-te sugar o coração, como os vampiros. Ouve? Nesse caso — casa-te! Seis meses depois do enlace, oferece-lhe uma limonada. Verás como lhe assenta bem no estomago, aliviando-o da asneira que fez. Nessa altura estarás vingada!

## As nossas mascaras



Julio Dantas substituiria muito bem o criado João Franco.

# Estranha transformação

Assisti ha dias, numa das arterias que circundam o mercado da Praça da Figueira, a uma scena tão imprevisível e tão movimentada que não fujo á tentação de a relatar.

Um bruaá fóra do natural ecoava já a grande distancia do sitio visado. Gritos, apitos, correrias, t uma multidão confusa, desorientada, interrogativa, precedida dum robusto salsicheiro, procurava não sei o quê. Com a minha habitual curiosidade, dispunha-me a entrar no numero dos procurandos quando, subitamente, a meu lado, num formidavel berreiro, se annunciava:

—'tá aqui... 'tá aqui...

Uma avalanche de gente caiu em cima do procurado: um lazarento cão vadio... Afastado um pouco do infeliz animal, pela aglomeração constante de curiosos, não pude observar o que motivava aquele confuro borborinho, mas o que me intrigou foi ver o salsicheiro aproximar-se do cão, clamando, meio irado, meio irónico:

—Não q'rias mais nada... hau... Chegados hoje mesmo de Arraiolos, olhem o freguês...

E, levantando o braço, mostrava á massa inquieta o corpo do delicto...

A' distancia a que estava, parccunme, pela cor e pelo feitio, um enchido de sangue, mas, de seguida, uma gargalhada unisona, entrecortada por gracejos de espirito, fazia ver ao po-

bre salsicheiro que se havia enganado. Este, olhando para o que segurava e que havia tirado ao animal, não poudo canter um tremenda «Ras te parta...» e, arremessando para a calçada, violentamente, o suposto chouriço de sangue, partiu, furo e enfiado, a caminho do seu lugar na Praça da Figueira...

Aproximei-me então do grupo que mais de perto havia assistido ao caso e que com gaudio o comentava, e conseqüi apurar que tinha sido um cão que, vendo pendurados alguns enchidos, frescos e tentadores, se havia dignado a servir... duma atadura... Perseguido, fugiu, levando a enfiada, sendo alcançado á esquina pelo salsicheiro.

Como o animal estava rodeado por «omirones» que afluiram e o tapavam por completo, o salsicheiro, na precipitação de apanhar ainda os enchidos, meteu a mão por entre as pernas dos presentes até encontrar o corpo do cão. Depois, passando a mão pelo dorso, orientou-se, lamentavelmente, para a cauda e como encontrasse um objecto suspenso, que o animal nervosamente expelia, puxou-o, julgando tacto, serem os almejos dos enchidos... E foi isto que provocou a hilariedade da assistencia...

Zéblão.



—Que mascara é aquela?  
—Uma sílfide.  
—Uma sílfide heriditaria?



## O doente irascivel

Viriato, ao descer placidamente a rua de S. Pedro de Alcantara, sentira-se repentinamente incomodado. Uma coisa estranha tão depressa parecia subir como descer-lhe internamente no peito. A impressão cada vez era maior.

Na rua de S. Mamedo viu uma ta- boleta de medico. Eutrou.

Gemendo, explicou ao medico a terrivel enfermidade subita, com as côres mais negras e aterradoras.

O medico, depois de o ouvir, reflectiu um pouco e disse-lhe ironicamente:

—Isso que o senhor ahi tem é um ascensor...

Viriato sentiu uma colera violenta contra o espirituoso, como o outro possuidor do seu nome, que foi guerreiro contra os romanos, e avisou-o imperiosamente que não vinha ali para brincar, mas sim para saber qual o tratamento a fazer, a fim de se curar daquela subita mas terrivel molestia.

O medico, para soccegar o irascivel enfermo, pediu-lhe calma e pediu-lhe tambem mil desculpas pelo seu gracejo.

Viriato, cada vez mais furioso, insultava o medico, até que este, irritado com a impertinencia, lhe disparou:

—Isso que o senhor ahi tem é um p... E como o senhor tem cara de cu, anda ahi indeciso, abaixo e acima, sem saber por onde ha de sair...

## As nossas mascaras



Esculapio, o jornalista com farda, ficará muito bem de cauteleiro fardado.

# No seculo XV um civilisado descobre os selvagens





## Um apertô

Um sujeito viajava num compartimento dum carruagem de primeira classe, completamente só, com destino ao Porto.

Até Santarem tudo correu o melhor possível. O cavalheiro referido, comodamente repoltrado, espreitava a vista pela paisagem que se ia desenrolando qual *film panoramico*. Com os olhos semi-cerrados, a cabeça reclinada para tras, via desfilar as casinhas brancas, os pomares, os olivais, as matas de pinheiros e eucaliptos, os campos cultivados com os sulcos vincados pelas charruas humildes, arrastadas por bois pacificos num andar lento, monotono, sempre igual.

O viajante construa na sua imaginação aqueles pequeninos castelos no ar que povoam a mente, quando o coração está calmo e o cerebro não pensa, abandonando-se á estulta fantasia de arrojadas quimeras ou a enternecedores sonhos de pureza e amor.

De subito, e passada já a estação de Santarem, o *facies* sereno do cavalheiro supradito cujo foi alterado por uns egares simiescos.

O sujeito pôs-se de pé e encetou um passeio no corredor do compartimento, comprimindo o ventre com as mãos. Em resumo. Tinha sido assaltado, repentinamente, por uma violenta colica. Consultou como ponde o guia official e, *malgré lui*, constatou que o comboio só parava dali a três quartos de hora! Era horrivel!

O *water-closet* encontrava-se fechado á chave, e as dores apertavam com violencia. Era impossivel esperar mais tempo. Um jornal estendido no chão recebeu uma das mais formidaveis solturas de que ha memoria, acompanhada por um ruidoso *jazz-band* de traques e bufas.

Precisamente neste momento, entrou o revisor, que ficou extatico, mas, readquirindo a presença do espirito, exclamou:

— Parece impossivel! Isto admitia-se numa criança, agora num homem não tem desculpa. Deixe estar. Em chegando á primeira estação, dou parte ao chefe.

O viajante, abotoando as calças, respondeu com a maior calma:

— Pois dê parte ou dê todo. Faça o que quizer.

Lim-Pó-Pó.

## DIZ-SE

que é completamente impossivel organizar a *Semana dos Funcionarios*, porque eles não comparecem ás repartições...

— que a Beatriz Costa afirma não gostar de *carapinhas*... mas se agarra ao macaco, logo á entrada na scena...

— que o Costinha vai ser convidado a não escangalhar tanto o portugueses...

## Nunes advogado de pares

A injustiça revoltante que se está praticando com o nosso camarada Nunes, fazendo silencio acerca dos triunfos do espontaneo advogado e gloria do nosso fóro, leva-nos a dar justa publicidade a mais um exito da serie dos obtidos por quem, sem passar pela Faculdade, tem a faculdade de conseguir absolvições tão imprevistas que, a seu lado, são modestos officiaes de diligencias os mais diligentes defensores de bandidos.

Foi na ultima semana julgada em tribunal colectivo uma quadrilha de autenticos fabricantes e passadores de moeda falsa. A coisa *passou-se* assim e em Boa Hora.

O par de reus, desconhecendo as brilhantes qualidades do advogado de geração espontanea, viram no horizonte o perigo de cadeia perpetua, e o par de advogados, esses já concededores do valor de Nunes, temeram o confronto. A duvida pairou no ambiente: Pares ou Nunes?

E Nunes, que lá desistir é que *nões*, enfia a toga, togmaticamente falando. Frente a ele estão vinte e cinco juizes e cincoenta testemunhas. «Muitos juizes e muitas testemunhas para um homem só» — dirá o leitor ignorante do poder de Nunes. Mas não, Nunes é forte e não tremel!

Sem grandes instancias, insta as testemunhas, testemunhando a sua habilidade:

— A moeda era falsa.  
— E' falso!  
— Ah! confessa! — sibila Nunes com um riso satanico e triunfante.  
— Está tudo falsificado — ajuda o dr.

Castro Osorio, não menos invejoso da argucia do colega Nunes.

Mas depressa lança mãos á obra, vibrante, eloquente, enorme!

— «Se nada é verdadeiro sobre a terra, porque condenar os autores de moeda falsa? Paguemos-lhes na mesma moeda, deixando-lhes a porta falsa da liberdade, Condenando-os e mandando-os para Angola, gasta-se dinheiro na passagem e estende-se a Angola um mal que já basta na metropole.

— Basta! Basta! — urra o auditorio emocionado.

Os vinte e cinco juizes choram, as cincoenta testemunhas também choram, a quadrilha faz o mesmo pelas calças abaixo, porque está em pé no banco dos reus, e da assistencia vóo um nabo advogadica destinado a mandar o Nunes para o banco do hospital.

Os restantes advogados recolhem a fala ao buxo e a absolvição surgiu, como era de esperar, porque o juiz, não entendendo o discurso, prefero desentender-se do assunto.

E Nunes, o impagavel Nunes, — porque Nunes não admite paga pela defesa, — despe a toga, porque quem o alheio veste na praça o despe.

Fica assim registado mais um triunfo do dr. Nunes, o qual pensa montar cartorio e não tem culpa de ser mais bem formado que muitos advogados formadissimos.

E quem tem culpas no cartorio é quem nomeia o Nunes para advogado de causas perdidas.

X. P. T. O.

## As nossas mascaras



Cunha Leal fica optimamente do Aslequim.



Benoliel fica á caracter vendendo tamaras doces.

## O funil indispensavel

O meu amigo Sarzedas d. Costa, um bom rapaz mas um pouco falho de recursos e... de inteligencia, como não tinha emprego, o se nem só do pão vive o homem, *este não se manes* o tinha para comer, resolveu, depois de longa conferencia com os seus botões, que também não tinham vintem, ir mostrar as belezas e antiguidades da nossa Lisboa-amada e seus arredores a ingleses e outros parasitas estrangeiros, isto é: ser cicerone.

Ora o meu amigo foi ha dias encarregado de carregar com uma familia britanica que tinha desembarcado dum paquete qualquer, composta dum pai fleumatico, uma mãe esgrouviada e de lunetas e três raparigas, *doublé* três cegonhas!

O Sarzedas, entre outras coisas, mostrou-lhes os Jeronimos, mostrou-lhes a Basilica da Estrela e mostrou-lhes o monstro da calçada da Gloria, gloria da comissão do estético da C. M. L., que os nossos aliados, acharam bonito, mas que não perceberam o que era.

— Dizem que é um alpendre — explicou-lhes o Sarzedas — mas eu não acredito! E' muito util para o publico apanhar chuva, quando afinal o alpendre é que a está a pedir!

Emfim, mostrou-lhes tudo o que na cidade de marmore e gr: nito ha que vêr e que os *bifes* acharam muito bonito, o que agradou bastante ao coração do nosso cicerone, que é um *patriota* de alto lá com ele, e, ao cair da noite, foram todos seis parar a Sintra, onde imediatamente se hospedaram num hotel, que por sinal, e também por azar, regorgitava de gente, não havendo um unico quarto desocupado!

O dono do hotel, que não queria perder dinheiro, prometeu-lhes arranjar um quarto no sótão, e os ingleses jantaram satisfeittissimos, tencionando ir no dia seguinte vêr a Pena, o Castelo dos Mouros e mais belezas da nossa idolatrada Sintra, ponto obrigatorio de visita de todos os estrangeiros.

A' hora de se deitarem, e quando o inglês se ia já meter na cama, constatou que lhe faltava um objecto indispensavel e muito util e que se costuma alojar debaixo da cama. O nosso homem pediu ao hoteleiro que lhe trouxesse o dito objecto e o dono do hotel voltava dali a pouco com uma garrafa na mão, dizendo:

— Desculpe-me, sire, mas não tenho o objecto que me pediu, e se o tenho está ocupado, pois como sabe o hotel tem gente a mais, e como é só por esta noite, remedeie-se com esta garrafinha, que eu faço a mesma coisa!

Então, o inglês puxou duas fumaças ao cachimbo, consultou o «Inglês-Português sem mestre» e, com a sua costumada fleugma, respondeu:

— Yes, mas trazer funil para minha mulher e filhas!...

Miguel Bombarda filho.

## No seculo XX um selvagem descobre os civilisados





## BOM HUMOR

O *chauffeur* (que recebeu uma nota de quinhentos escudos):—Não tenho tróco! Como ha de ser isto agora?

O *freguês*:—Não faz mal! Dê-me o carro e fique com o resto...

\* \* \*

—Não compreendo como um rapaz tão simpático casou com uma mulher tão feia e quinze anos mais velha do que ele.

—Amigo: quando se precisa de notas do Banco não se repara no ano da sua emissão...

\* \* \*

—Conheces aquele corcunda?  
—Crueço!  
—O que faz ele?  
—Estuda direito...

\* \* \*

—O senhor é um assassino! Atrapelei minha mulher. Quera cinco contos de indemnização!

O *chauffeur*:—Mas ela não tem nada! Foi só o susto.

—Nesse caso, dê-me os cinco contos que lhe pedi e atrapele-a depois...

\* \* \*

—As telas pequenas não me interessam. Só gosto das grandes.

—O que é o senhor?

—Fabricante de telas.

\* \* \*

—Qual é a sua situação para pretender a mão de minha filha?

—Mas desesperada, minha senhora.

\* \* \*

O *alfinete, pretencioso*:—O fato ficou admiravelmente bem.

O *freguês, de elegância recente*:—Sim, mas as calças apertam-me nos soracos...

\* \* \*

—Recentemente, tenho tido muita fracassos urgentes.

—A tua namorada deu-te com a tampa?

—Não, casei-me com ela.

\* \* \*

—Como é que tu podes viver com um homem tão distraído?

—Perfeitamente. Imagina: ainda o mês passado me pagou duas vezes os gastos da casa...

\* \* \*

—A qualquer hora venhas, encontra-me sempre em casa...

—Mas tu nunca saes?

—Sair, eu? Como pago novecentos mil réis de renda, quero aproveitar bem o dinheirinho...

### As nossas mascaras



Pedro Bordallo, mesmo sem se mascarar, vende o Sempre Fixe.

## HISTORIA DUMAS CEROUÇAS...

Um saloio que nunca saíra da sua aldeia teve um dia necessidade imperiosa de vir a Lisboa. Da localidade até á proxima estação distanciavam



duas léguas, e o bom do saloio lá seguiu estrada fóra, levando o tradicional saco e o varapau ferrado, mais conhecido por *pausinho das desordens*...

O Zé das Osgas, assim se chamava o saloio, envergava o fato dominguieiro e uma gravata encarnada do setim, tendo aposta no nó *elegantissimo* uma meia lua de ouro.

E' conveniente referir que era a primeira vez que o saloio vestia ceroulas.

A meio do caminho, deu-lhe uma forte dor de barriga. Proximo havia um valado. Dum salto transpôs o montículo e ali, seguro de que ninguem poderia vê-lo, abaixou-se e, friccionando o ventre, deixou que a natureza desse liberdade aos presos...



Momentos depois, o Zé das Osgas retomava a marcha aliviado e alegre e, tendo andado uma hora seguida, chegou á estação do caminho de fer-

ro. Faltavam dez minutos para que o comboio chegasse. Comprou o bilhete, deu dois dedos de cavaco a um rapaz da mesma terra que ali fóra buscar umas canastras de peixe que vinham do Peniche e, entretanto, o comboio aproximava-se.

Zé das Osgas, logo que o comboio parou, lésto como um passaro, saltou para um compartimento de primeira classe, cujos assentos, como se sabe, são almofadados. No compartimento estavam apenas dois passageiros que, ao verem o saloio entrar para ali, entreolharam-se num comentário nudo.

O Zé das Osgas sentou-se e sentiu-se bem. Jamais o seu posterior caloso, pois ele era sapateiro, tinha assentado em coisa tão macia. Instantes passados, surge o revisor, destes revisores da linha do Oeste, de bigode e barba á Meira e Sousa, com cara de tipografo do *Seculo*. Pediu o bilhete ao saloio, que prontamente



satisfez; porém, o revisor, com *modus-vivendi*, disparou-lhe esta frase:

—*Bocê não é daqui!*

Ao que o saloio retorquiu:

—*E não senhor. A minha terra dista daqui duas léguas. Chama-se Bacia do Bispo. O revisor viu logo que estava tratando com um autentico *brancanato* e, p'ra não perder tempo com explicações, disse seccamente:*

—*Isto é a primeira classe e *bocê* tem bilhete para a terceira. Apie-se e venha comigo.*

O Zé das Osgas lá seguiu atrás do revisor, que lhe indicou uma carruagem de terceira, para onde ele subiu, sentando-se no tradicional banco de *sumá-pau*, mas qual não foi a sua admiração quando sentiu debaixo dele um estofa muito mole, igual áquele em que estivera sentado, o que o fez exclamar:

—*Tem graça. Parece que vou em primeira!*...

M. A. Caco Velho.

## Pladas originais de teatro

Nascimento Fernandes, quando empresario no Politeama, foi procurado por uma rapariga que queria ser co-rista.

—Apareça por cá amanhã, para lhe experimentarem a voz.

No dia seguinte, a rapariga appareceu-lhe no escritorio e disse-lhe sorridente:

—Pronto. O pianista disse que *sim*.

—O pianista?! A menina não sabe como ele se chama?

—Sei, sei... E o mais engraçado é que o que está no Avenida tambem tem o mesmo nome.

—O mesmo nome?!

—Sim, senhor. Lá, o pianista tambem se chama *Maestro*...

\* \* \*

Um empresario de certo teatro que, após a epoca, ficou com uma quinzena atrazada a determinados artistas, foi procurado em sua casa por um deles, para ver se recebia algum dinheiro por conta.

Encontrou-o a subir a escada, sobraçando um livro. O pedido foi-lhe feito ali mesmo.

—O' menino, hoje não pode ser. Acabei de comprar por trezentos escudos este livro de Camilo e, portanto, só se fór amanhã...

—Ora, com franqueza. Gastar trezentos escudos com um homem que já morreu e que já não come... Não seria melhor dar-me o dinheiro a mim, que ainda estou vivo e preciso comer?...

\* \* \*

Num teatro do Parque Mayer, aonde um conhecido empresario tem interesses, appareceu na tabela de serviço uma carta na qual um dos *socios* declarava desligar-se da empresa. Um *habitué*, ao lê-la, teve este comentário:

—Aquilo de ter sido *socio* da empresa foi, com certeza, sonho do rapaz...

—Porquê? — disse alguém.

—Porquê?! — Então não sabes que um democratico nunca quiz nada com Reis?...

\* \* \*

Certa actriz gentil e esportiva, que sabia ler mas só com a ajuda do ensaiador valorizava a pontuação, encontrava-se num ensaio de marcação, dialogando entre dois colegas, claro que tendo todos os respectivos papéis na mão. Nisto, alternadamente, voltou-se para o colega da direita e falou assim:

—*Quer um conselho? Aparte para a esquerda.*—E rapidamente, para o colega da esquerda:—*E o senhor tambem.*

Mas no papel estava escrito *Quer um conselho?* (aparte para a esq.) *E o senhor?*

A palavra tambem era a *deixa*...



—Esta agora! As bruxas batem com as mãos numa mesa e apparece logo o Marquez de Pombal, Napoleão e outras grandes individualidades; eu então estou farto de bater e nem ao menos me apparece o criado.

### !! Não queira ficar assim !!

USE A VITELINA-VITERI

TONICO AMARELO

Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos

FRASCO 8900

Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.

R. dos Fanqueiros, 84. 1.º D.-Lisboa





# Uma cegada carnavalesca

A acção passa-se no bécio dos Apóstolos. Ao subir o pano, vê-se o Zé Povinho a dormir sobre um calhau de pedra e, a contemplá-lo, o Silva, fardado de bofetoneiro na disponibilidade. Entra o Rei de Espadas, fardado á época, e o Silva prepara-se para sair pelo F. D.

*Rei de Espadas, cantando:*

Vem cá, não tenhas medo,  
contar-me em segredo  
que faz a Liga em Paris...

O Silva, encolhendo os ombros:

Que te hei de eu dizer,  
não me obriges a meter,  
onde não sou chamado, o nariz.

Entra a Política, um pouco suja.  
O Rei de Espadas tenta afagá-la,  
mas ela repele-o.

*Rei de Espadas, irritado:*

Se te esquivas, repontas,  
ajustas-me as contas  
no gume da espada,

*Política:*

Retira p'ra lá isso,  
deixa-me livre o toutioço,  
tem dó desta emporcalhada.

O Rei insiste. O Silva chora. O Zé dorme.

*Política, para o rei:*

Vai-te, vai-te, vai-te, sai-te daqui,  
não me maltrates,  
Pois quanto mais tu me bates,  
menos gosto de ti, de ti...

A Política sai.. Entra o Leal, com trauçti do União Liberal, com grandes saias de balão. Encara com o Rei de Espadas e com o Silva. Hesita. Momentos de silêncio.

*Leal, abraçando o Silva, canta:*

Nem no mundo ha dois mundos,  
nem no céu ha dois senhores,  
Nem ha coração que possa  
ser leal a dois amores...

*Rei de Espadas, irritado:*

Adeus é minha lindinha.  
Já não me ligas aquela;  
Mas um dia perco a minha  
Ferro-te uma enxertadela.

Sãem todos.

*Zé Povinho, me'io acordado, me'io a dormir:*

Nêste bécio solitario,  
Onde a desgraça me tem,  
Falo, ninguem me responde,  
Olho, não vejo ninguem.

*Política, que chega a tempo:*

Cala, cala, meu pacov'io,  
Que o teu dia ha de chegar.  
Terás fartura de vivorio,  
Has do rir, has de folgar.

O Zé cala-se. O Rei de Espadas surge, de aspecto terrível.

*Política:*

O' papão vai-te embora  
Dêste bécio que é sagrado  
Deixa-o dormir agora  
Um soninho descansado.

Sãem, enquanto o Zé dorme, nã

mesma posição. Entre a D. Liga, vestida á parisiense, um pouco abatida.

*D. Liga:*

O' minha mãe dos trabalhos,  
Para quem trabalho eu?  
Trabalho, mato o meu corpo,  
Não vejo nada de meu.

E senta-se na pedra fria. Entra Bernardino, trazendo pela mão o Silva.

*Bernardino:*

O' Liga o que fazes  
Em pedra tão fria,  
Acorda, faz as pazes,  
Co'o Antonio Maria.

Um pouco de silêncio. E a Liga resolve-se a responder e o Zé a acordar.



*D. Liga, para o Silva:*

Dizem que as mães querem mais  
Ao filho que mais mal faz;  
Por isso eu te quero tanto,  
Que tantas máguas me dáis.

A D. Liga abraça o Silva.

O Zé, espantado, para a D. Liga:

Não poderia ter  
A extrema gentileza  
De me dizer, com franqueza,  
Se acaso isso não é deceer?

Todos riem.

O Zé, com trinados na garganta:

Chorai olhos, chorai olhos,  
Que o chorar não é desprezo,  
Pois mais haveis de chorar  
Quando estiver tudo tço...

O Zé volta a adormecer. Os outros personagens trocam abraços á farta.

O Camacho, passando rapidamente:

Eu hei de ir e hei de volver,  
Falas vos não hei do dar;  
Quero vos fazer moer  
Como as ondas do mar...

Sãem todos. O Zé, esse, coitado, continua a dormir, sonhando, talvez, em melhores dias.

Os do grupo, dirigindo-se aos mirões, enquanto sãem:

So aquilo que vós sentis  
Lá dentro tivesse voz,  
Com certeza o país  
Teria pena de nós.

Um novo personagem atravessa o bécio, agitando uma bengalinha. É o Pinheiro Maluco, que grita:

—Oh! porcalhões dum povo... Tudo em vós é m...! Oh! porcalhões...

O Zé, sonhando:

Política toda a gente,  
Mas só um paga o patau.  
É' o Zé que, descontente,  
Grama tudo o que é mau...

*Uma voz interior:*

—Grama que é serviço...

Mario Quintela.



—3 horas da manhã! Tudo fechado. Vamos a vêr se o boticario abre a porta.

—O senhor faz-me o favor: avia-me ai uns papelinhos de pós?...

—Que pós quer o senhor?  
—Só quero o papel para limpar o rabo!

# GUARDA ROUPA DO "SEMPRE FIXE,"

Amarellet



COMO NÓS OS VESTIMOS E DESPIMOS

fixe